

Aldreu

ALDREU, orago Santiago, era uma vigararia da apresentação do mosteiro de Palme.

Aldreu vem do nome próprio gótico *Alderedus* (').

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem uma freguesia com a designação =«De Sancto Jacobo de Palmi», de Terra de Nevia, que julgamos seja esta de Aldreu.

Nelas se diz que o rei não tem ali reguengo algum e da qual não é padroeiro; que esta igreja tem sesmarias, Palme 11 casais e meio e Hospital 3 taligas de pão de renda.

Diz-se ainda mais: «et est ibi quedam mulier fora-ria et nubsit ibi in Cauto de Palmi, et posuit Rex domnus Sancius ut daret ei j-carneiro et esset quite. Et omnes vadunt ad castellum».

A freguesia de Aldreu estava compreendida no couto dos monges beneditinos de Palme, bem como a de Santo André, da qual falaremos quando tratarmos da actual freguesia de Palme.

(1) P.* *António Gomes Pereira — Tradições Populares, pág. 321.*

Quanto às actuais confrontações da freguesia de Aldreu tem havido as suas dúvidas e diferenças com as circunvizinhas, por não haver em muitas partes marcos divisórios.

A sua *Igreja Paroquial* era primitivamente em Aldreu e daí foi mudada no fim do século XVI (em 1575 segundo nos disseram) para o sítio a que hoje chamam Campos da Igreja Velha, conservando-se aqui perto de trezentos anos.

Era um edifício baixo, pequeno, mais pequeno que a actual Capela de Nossa Senhora do Pilar, com sua fachada voltada ao poente, terminada por uma sineira.

Foi assim que nos foi descrito por duas pessoas que ainda assistiram a alguns actos religiosos naquele templo.

Caída em ruínas, foi mandada construir a actual Igreja na Boa Vista, a qual fica ao lado direito da estrada que da Barca do Lago vai a Barroselas, começando a sua construção em 1853 e acabando só em 1862.

Situado em lugar elevado, de onde se disfruta um lindo panorama, é um belo templo ainda que interiormente um pouco pobre.

Da estrada sobe-se até ao adro por um bem lançado escadório.

Na parede do adro, de cada lado do escadório, tem gravada a seguinte inscrição: «ANNO. MDCCCLXIX».

Em cima o adro, largo e espaçoso, está cercado de parede, fortificada nos ângulos por pilastras que terminam umas em pirâmides e outras em grandes globos de pedra.

A entrada principal, ladeada de altas pirâmides, é defendida por um fojo com grades de ferro.

O templo, alto, de boa construção, tem um belo pórtico renascença, encimado por uma grande janela, que dá luz ao coro, e na parte mais elevada da sua frontaria abre-se um nicho com a imagem do padroeiro em pedra.

Ao lado direito da fachada ergue-se uma sólida e bem construída torre com relógio.

Atrás, do lado esquerdo junto à capela-mor, está a sacristia, proporcional ao resto do edifício.

Nos ângulos das paredes deste, sobrepujando os telhados, elevam-se altas pirâmides que dão graça à construção.

Tem duas portas travessas e sobre a porta principal a data 1862.

Dentro, bem iluminado por rasgadas janelas, ainda que não ostente riqueza, está bem conservado.

A capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo ao centro a imagem do padroeiro, ladeada pelas dos quatro evangelistas. A tribuna é em talha moderna pintada a branco e doirada.

Formando as escadas do supedâneo do altar vêm-se pedras com restos de inscrições e algumas ainda com datas gravadas, tais como 1692 — 667, etc.

Supomos que estas pedras fossem tampas de sepulturas para aqui trazidas.

A cadeira paroquial é em couro lavrado, tendo gravado nas costas um escudo bi-partido com as armas dos Pereiras e Castros.

Mostraram-nos aqui a cruz paroquial, floreada, em prata lavrada, que denota grande antiguidade, a qual nos disseram fora oferecida à freguesia pelo abade Queirós.

A sacristia é ampla e espaçosa, sendo o seu pavimento lajeado com pedras que contêm ainda números.

Dizem que essas pedras eram da extinta capela de S. Luís da quinta de Palme.

No corpo da igreja, entre as portas travessas e o arco cruzeiro, estão os quatro altares laterais em talha simples e moderna.

Do lado esquerdo, perto da pia baptismal, está metido na parede um oratório com a seguinte inscrição:

ESTE ALTAR MANDOU FAZER E PINTAR POR

SUA DEVOÇÃO MANOEL JOAQUIM D'ARAUJO.

Tem esta Igreja coro, dois púlpitos e baptistério, este tosco e antigo que com certeza para aqui veio da Igreja velha. À entrada da porta principal, no chão, está gravada em pedra a data—12—11—1862, talvez a da inauguração.

Esta Igreja e freguesia foram visitadas pelo arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha em 22 de Novembro de 1904, segundo consta de uma extensa inscrição em pedra de mármore metida na parede do lado do evangelho entre os dois altares laterais.

Do lado esquerdo do adro estão as casas da Junta de freguesia, tendo sobre uma das suas portas a data 1891. O *Cruzeiro Paroquial* fica ao fundo do terreiro que se estende em frente da Igreja, do lado esquerdo da estrada. É alto, elevado, erguendo-se sobre unia alta coluna, a cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado e tendo na base a data 1891.

A *Residência Paroquial* fica ainda mais abaixo para o lado do poente.

No terreiro em volta do adro havia um Calvário cujas cruces, hoje a maior parte derrubadas, se espalhavam pelo monte acima na direcção da capela do Pilar.

As bases de algumas dessas cruces contêm inscrições difíceis de decifrar, vendo-se ainda em uma delas a data 1727.

A *Capela de Nossa Senhora do Pilar* fica no alto de um pequeno monte, ao lado nascente da Igreja Paroquial, quase nos limites desta freguesia com a de Fragoso.

Dali disfruta-se um panorama, ainda que um pouco triste, com suas belezas naturais.

Avista-se Viana, Santa Luzia, Vila de Punhe, Alvarães e por Santa Marinha de Forjães até aos montes de Fragoso que ficam ao nascente e sul.

O templo é pequeno mas bem proporcionado.

No centro de um adro, fechado por parede, com fojo na porta de entrada, ergue-se a sua fachada emoldurada em pedra bem trabalhada. Por cima da porta principal tem a data 1819 e por cima de uma janela, coroadando a fachada, um nicho com a imagem da padroeira.

Do lado direito, junto à capela-mor, está a sacristia na parede da frente da qual se ergue uma pequena sineira.

Dentro é pobre. Tem apenas um altar em estilo barroco. A capela-mor é forrada a estuque e o corpo da Igreja em madeira pintada. Tem coro e púlpito.

No adro, cercando o templo, existem umas velhíssimas oliveiras.

Esta capela serviu de matriz durante a construção da actual Igreja Paroquial.

Fora do adro, está um cruzeiro, sem cruz, o qual contém a seguinte inscrição: REM 1835.

Junto à casa de Palme existiu uma *capela* sob a invocação de S. Luís Rei de França, hoje desaparecida.

Há nesta freguesia os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: o de Santo António, junto à estrada, perto da Igreja, que nos dizem ser antigo; as alminhas na Agra de Igreja velha, abandonadas, as quais tem gravada na pedra a seguinte inscrição: ESTAS ALMAS MANDOU POR AQUI DOMINGOS JOSÉ FERNANDES ANNO 1871, e as alminhas de Meimar, abandonadas também, que tem gravado o ano de 1860.

No portão de entrada do *Cemitério Paroquial* vê-se a data 1907.

Esta freguesia, situada na bacia orográfica do rio Neiva, é banhada pelo ribeiro da Calaça, que nasce em Bustelo, freguesia de Palme, e vai desaguar àquele rio, e é servida pela estrada que da Barca do Lago, freguesia de Gemeses, do concelho de Esposende, vai à Estação de Barroselas.

Confronta pelo norte com a freguesia de Fragoso; pelo poente, com a de Forjães, do concelho de Esposende; pelo sul, com a de Palme e pelo nascente, com a dita de Fragoso.

As suas fontes públicas são: a do Carregai, a de Cima de Vila, a Nova e a de Brulhe.

A sua população no século XVII era de 94 vizinhos; no século XVIII era de 102 fogos; no século XIX era de 524 habitantes e actualmente é de 565 habitantes, sendo 243 varões e 322 fêmeas, sabendo ler 114 homens e 41 mulheres, havendo pois 410 analfabetos.

No Censo de 1527 a população desta freguesia vem englobada na do Couto de Palme. Assim diz=Jullguado de Nevia —O mosteiro e Couto de Pallme e freguesia: 90 moradores.

A sua actual população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Rio, Fontainha, Torre, Estrada, Santiago, Boavista, Bouça, Lages, Souto, Outeiro da Vinha, Aldeia, Brirais, Madorra, Sá e Donelo.

As suas casas mais importantes são a de Palme (brasonada, cujo brasão se encontra actualmente no pátio da casa do Ex.^{mo} Snr. Conde de Vilas Boas, nesta cidade), a do Souto, a da Bouça, a dos Buchos, a da Cruz, a dos Carvalhos, a do Quintas, a do Mendanha e a do Capitão.

Tem Escola Oficial em edifício arrendado, duas lojas de comércio, Farmácia e Caixa do Correio.

Efectuam-se nesta freguesia duas feiras anuais: uma no 1.º de Janeiro (antigamente em 31 de Dezembro) e outra no dia 25 de Julho, dia do seu padroeiro.

Tem uma Fábrica de destilação de vinhos e uma Cooperativa de lacticínios.

Há aqui uma indústria típica, interessante: a de fazer remos para barcos, pás de pau e vertedoiros (¹), de que tudo exportam.

É curioso que em uma freguesia sertaneja como esta, longe do litoral ainda que perto de um rio, que actualmente não é navegável, se desenvolvesse semelhante indústria.

Dos homens ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

António de Mendanha Arriscado, nascido nesta freguesia, cavaleiro da Ordem de Cristo (1862), comendador de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (1865), Moço Fidalgo da Casa Real (1866) e último Morgado de S. Francisco (Barcelos).

Comendador Domingos Gonçalves de Sá, natural desta freguesia, falecido há poucos anos; foi senhor da Quinta de Curvos, em Santa Marinha de Forjães, Espo-sende, que vendeu ao seu actual proprietário.

José Joaquim de Queirós, natural desta freguesia, capitão de milícias e que viveu nos princípios do séc. XIX.

P.º Manuel Joaquim de Queirós, natural desta freguesia, a qual parouquiou mais de 50 anos.

Encostada à parede do adro, do lado direito da Igreja desta freguesia, está uma sepultura em pedra com sua tampa partida de um dos lados, tendo nesse rebordo gravada uma cruz de Cristo, obra com certeza posterior à da sepultura.

(¹) Vertedoiros, *pá de madeira com que se despeja água dos barcos*.

Chamaram a nossa atenção para aquele monumento funerário e para a água que continha dentro.

É crença do povo que essa água nunca seca e que aumenta e diminui de volume conforme as marés.

Vem aqui gente de muito longe com fé nesta água milagrosa lavar as suas feridas e apostemas, deixando como ex-voto dependuradas na parede do adro, junto à *pia*, como aqui chamam a esta antiga sepultura, pedaços de roupa.

Contou-nos uma simpática velhinha da vizinhança, que vindo uma família dos lados de Viana em procura do milagre daquela água e ficando admirada de ver a pia quase seca, algumas pessoas, que estacionavam no adro, lhe explicaram que se assim sucedia é porque a maré estava em baixo e, enquanto uns lhe gabavam as vistas que daqui se disfrutavam e lhe chamavam a atenção para certos pontos distantes em lugar oposto, outros faziam subir a maré.

Este facto aumentou mais a fé no poder miraculoso desta água, continuando a ser muito procurada pela humanidade enferma.

Esteve esta sepultura no adro da Igreja velha e já aí obrava milagres.

Quando foi da mudança da matriz para aqui quiseram levar esta sepultura, a *Pia de Santiago*, como também lhe chamam, para a Igreja de Palme, mas não foi possível; empregaram para a arrastar dez ou doze juntas de possantes bois, não conseguindo sequer movê-la do sítio.

Resolveram então trazê-la para o sítio onde está, no adro da nova Igreja, bastando para isso uma junta de pequenos toiros!

Foi assim que nos contaram este facto espantoso; se é mentira, vai pelo mesmo preço.